

## CAPÍTULO VII

DESENVOLVIMENTO RUSSO  
E NORTE-AMERICANO*Um Paralelismo Extraordinário*

ANTES de passarmos, nos capítulos VIII e IX, à relevância das etapas de desenvolvimento para os problemas da guerra e da paz, talvez valha a pena examinar sumariamente um assunto de interesse simultaneamente histórico e atual: a natureza e o significado das trajetórias relativas de desenvolvimento da Rússia e dos Estados Unidos.

Quando pensamos, em termos jornalísticos, no desenvolvimento econômico da Rússia, uma série de imagens nos acode ao espírito: a imagem de uma nação surgindo com muito atraso, sob o comunismo, para um *status* de potência industrial de primeira grandeza — simbolizado pelo êxito russo ao lançar os primeiros satélites terrestre e solar; a imagem de um ritmo de desenvolvimento industrial único na experiência moderna, conservado em marcha forçada por um sistema de controles estatais que restringem o consumo, mantêm taxas inéditas de investimento e evitam lapsos na disponibilidade de empregos; a imagem de uma economia planificada tão diferente em seu método e instituições a ponto de exigir formas de análise diversas das aplicadas no Ocidente. Em suma, a imagem convencional a toda uma história por si só.

Há, evidentemente, profundos elementos especiais na história da evolução da moderna sociedade russa e de sua economia; e, antes de terminarmos, tentaremos identificar a natureza de sua originalidade. O primeiro ponto, porém, a fixar é que o desenvolvimento econômico russo nestes últimos cem anos é extraordinariamente semelhante ao dos Estados Unidos, com um retar-

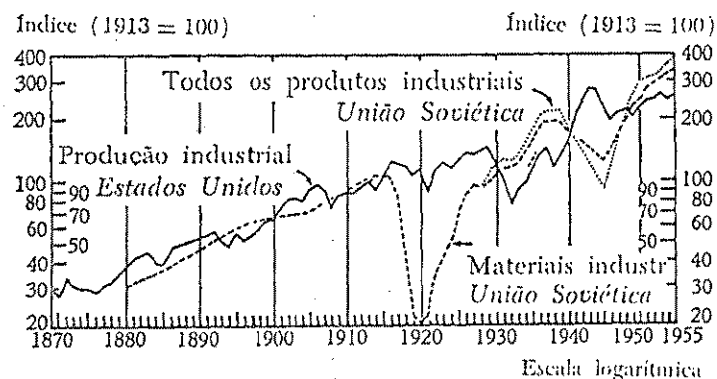
damento de aproximadamente 35 anos no nível do volume da produção industrial e de aproximadamente meio século no rendimento *per capita* da indústria. Outrossim, o caso russo, entrelaçando as experiências czarista e comunista, recai, como o caso dos Estados Unidos, perfeitamente dentro do quadro amplo da análise das etapas de desenvolvimento.

Ora, primeiramente consideremos o gráfico, reproduzido do artigo de G. Warren Nutter, mostrando a produção industrial *per capita* da Rússia, de 1880 a 1955, e a dos Estados Unidos, de 1870 a 1955.<sup>1</sup> Note-se, em particular, que o gráfico de Nutter converte a produção *per capita* em um índice, tomando 1913 como igual a 100. Ele mostra portanto índices de crescimento relativo na produção *per capita*, e não números absolutos; por isso, deve ser lido tendo em mente que o retardamento mediano em 1955, para as 37 indústrias focalizadas, é de 56 anos de crescimento: em suma, a curva soviética inteira é colocada abaixo da norte-americana com um afastamento que não varia muito, em termos de defasagem.

O que se revela é que, entre a década de 1880 e a Primeira Guerra Mundial, a Rússia avançou relativamente em seu arranco; recuou, na década de 1920, quando os Estados Unidos passaram por um surto rápido, e a Rússia reorganizou-se lentamente após a guerra e a revolução; avançou relativamente durante os primeiros Planos Quinquenais da década de 1930, quando os Estados Unidos se viram presos numa queda brusca; na fase após 1945, a Rússia avançou de novo, relativamente, numa época em que a produção russa estava mais concentrada na indústria e a

<sup>1</sup> G. Warren Nutter, "Soviet Economic Developments: Some Observations on Soviet Industrial Growth", *The American Economic Review*, maio de 1957. Ver, também, "Measuring Production in the U. S. S. R.: Industrial Growth in the Soviet Union", *A. E. R.*, maio de 1958. Uma análise semelhante do desenvolvimento econômico russo e norte-americano, chegando a conclusões análogas, é a de Oscar Honkalehto, *Some Sectoral Growth Patterns in Russian Economic Development*, uma tese apresentada para a conquista do título de Mestre (Licenciado) em Ciências no M. I. T., Cambridge, Mass., fevereiro de 1955. É evidente que as investigações estatísticas mais volumosas de Nutter são completamente independentes do esforço pioneiro mais limitado de Honkalehto. Ver, ainda, Gregory Grossman, "Thirty Years of Soviet Industrialization", *Soviet Survey*, N.º 26 (outubro-dezembro de 1958).

norte-americana estava-se transferindo estruturalmente para a construção de habitações e serviços não-manufatureiros.



Consideremos, agora, os Quadros 5 e 6, baseados em níveis absolutos de volume de produção (5) e rendimento *per capita* (6). Falando em termos muito gerais, a posição relativa, em função dos anos de defasagem, permanece em 1955 surpreendentemente igual à de 1913. Os atrasos não são, está claro, uniformes; em rendimento estão 20 anos abaixo em minério de ferro, fertilizantes químicos e corantes; bem mais de 50 anos em certos bens de consumo: sabão e sabonete, por exemplo, artigos de lã e cerveja. Mas, se tomarmos a seqüência do desenvolvimento como base de comparação, em vez de outros possíveis critérios, Nutter está certo em quatro conclusões:

A indústria soviética parece estar ainda, *grosso modo*, três décadas e meia atrás dos Estados Unidos em níveis de volume da produção e cerca de cinco e meia em níveis de rendimento *per capita*... Segundo, ... o desenvolvimento da indústria soviética é aproximadamente equivalente ao que se deu (nos Estados Unidos) nas quatro décadas que abarcam a mudança de século — em termos *per capita*, a um período ainda anterior terminando na passagem do século. Terceiro, durante a era soviética inteira, as indústrias soviéticas geralmente perderam terreno tradicional para suas correspondentes norte-americanas — as defasagens têm em geral aumentado — tanto em termos de rendimento total quanto *per capita*... Quarto, embora as indústrias soviéticas hajam tendido nos últimos anos a ganhar terreno em termos de rendimento total, continuaram a perdê-lo em termos de rendimento *per capita*.

QUADRO 5

Atraso da União Soviética com relação aos Estados Unidos, em volume de produção, dados de referência de nível, 37 indústrias

	Atraso (n.º de anos)			Aumento (+) ou diminuição (—) do atraso		
	1913	1937	1955	1913-37	1937-55	1913-55
Minério de ferro	28	36	15	8	—21	—13
Ferro gusa	30	38	39	6	—3	9
Lingotes de aço	21	32	29	11	—3	8
Aço laminado	27	35	29	8	—6	2
Cobre ves. primário	33	50	51	17	1	18
Chumbo	94	60	52	—34	—8	—42
Zinco	46	43	46	—3	3	0
Energia elétrica	13	21	16	8	—5	3
Carvão	45	49	47	4	—2	2
Coque	31	36	30	5	—6	—1
Petróleo bruto	14	26	34	12	8	20
Gás natural	32	51	52	19	1	20
Barrilha	22	31	24	9	—7	2
Fertilizante Mineral	43+	27	14	—16+	—13	—29+
Corantes sintéticos	2	15	12	13	—3	10
Soda cáustica	17	25	24	8	—1	7
Papel	44	46	54	2	8	10
Madeira serrada	61	73	62	12	—11	1
Cimento	19	33	32	14	—1	13
Vidro p/janelas	13	0	*	—13	—	—13+
Trilhos	42	57	54	15	—3	12
Vagões fer. p/pas.	21	46	53	25	7	32
Idem p/carga	33	51	69	18	18	36
Manteiga	21	38	35	17	—3	14
Óleos vegetais	5	26	29	21	3	24
Salsichas	24+	36	38	—	2	—
Safra de peixe	—11	4	*	15	—4+	—
Sabão	34+	52	52	—	0	—
Açúcar	6	17	27	11	10	21
Alimentos enlatados	43+	45	45	—	0	—
Cerveja	42	66	73	24	7	31
Cigarros	—1	11	14	12	3	15
Calçados	23+	44	44	—	0	—
Calçados de borracha	14+	19	*	—	—19+	—14+
Tecidos de algodão	28	44	48	16	4	20
Seda e tecidos sintéticos	23	44	25	21	—19	2
Tecidos de lã e estambre	43+	67+	69	—	—	—
MEDIANA	28	36	35	11	—1	9

Nota: Um adiantamento soviético é indicado por um sinal negativo nas três primeiras colunas. Onde os dados norte-americanos não são suficientemente antigos para assinalarem o atraso total, o atraso calculável é seguido de um sinal de soma (+). O traço (—) denota dados insuficientes. O asterístico (\*) refere-se aos casos em que a produção soviética excede a norte-americana até hoje.

Fonte: G. Warren Nutter

QUADRO 6

Atraso da União Soviética em relação aos Estados Unidos, em rendimento "per capita", dados de referência de nível, 37 indústrias

	Atraso (n.º de anos)			Aumento (+) ou diminuição (—) do atraso		
	1913	1937	1955	1913-37	1937-55	1913-55
Minério de ferro	53+	52	54	—	2	—
Ferro gusa	48	52	56	4	4	8
Lingotes de aço	30	40	49	10	9	19
Aço laminado	24+	48+	52	—	—	—
Cobre ves. primário	53	58	66	5	8	13
Chumbo	105+	109	76	—	—33	—29+
Zinco	53	57	59	4	2	6
Energia elétrica	14	26	25	12	—1	11
Carvão	66	69	69	3	0	3
Coque	33+	49	56	—	7	—
Petróleo bruto	27	34	41	7	7	14
Gás natural	32+	52	70	—	18	—
Barrilha	27	43	45	16	2	18
Fertilizante mineral	43+	40	30	—3+	—10	—13+
Corantes sintéticos	14+	20	22	—	2	—
Soda cáustica	19	40	35	21	—5	16
Papel	54+	67	71	—	4	—
Madeira serrada	114+	102	111	—12+	9	—3+
Cimento	30	38	47	8	9	17
Vidro p/janelas	34+	—2	15	—36+	17	—19+
Trilhos	46+	70	85	—	15	—
Vagões fer. p/pas.	27	57	69	30	12	42
Idem p/carga	33+	57+	75+	—	—	—
Manteiga	30	50	58	20	8	28
Óleos vegetais	16	40	44	24	4	28
Salsichas	24+	48+	61	—	—	—
Safrá de peixe	33+	57+	19	—	—38+	—14+
Sabão	34+	58+	76+	—	—	—
Açúcar	12	32	47	20	15	35
Alimentos enlatados	43+	62	60	—	—2	—
Cervejas	43+	67+	85+	—	—	—
Cigarros	0	15	19	15	4	19
Calçados	23+	47+	65+	—	—	—
Calçados de borracha	14+	38+	56+	—	—	—
Tecidos de algodão	43+	67+	85+	—	—	—
Seda e tecidos sintéticos	34	58	42	24	—16	8
Tecidos de lã e estambre	43+	67+	85+	—	—	—
MEDIANA	—	—	56	10	4	13

Nota: Ver Quadro 5.

Fonte: G. Warren Nutter

Tudo isso, em certo sentido, é uma forma estatística de afirmar que o arranco russo estava em marcha na década de 1890, ao passo que o norte-americano terminara em 1860. Após o arranco, ambas as sociedades sofreram sérias vicissitudes: os Estados Unidos na Guerra Civil e na prolongada depressão da década de 1930, a Rússia nas duas guerras mundiais que causaram uma devastação a que foram poupados os E. U. A. Mas o progresso da indústria, após o arranco, foi notavelmente semelhante nos dois casos, em termos de volume de produção; quanto a termos de produtividade *per capita*, a vantagem inicial norte-americana no equilíbrio entre população e recursos foi mais ou menos conservada até 1955. As semelhanças abrangeram o fato de o arranco russo também basear-se na estrada de ferro, dando vida a novas indústrias modernas do carvão, do ferro e da engenharia pesada, e esses arrancos ferroviários também foram seguidos, em ambos os casos, por uma etapa dominada pela disseminação da tecnologia na fabricação do aço e de fertilizantes químicos bem como na produção de eletricidade.

#### As Principais Diferenças

Tendo estabelecido este arcabouço aproximado, mas importante, de uniformidade de experiência, cataloguemos agora algumas das principais diferenças entre a Rússia e os Estados Unidos.

1.º — A criação das precondições para o arranco foi, em suas dimensões não-econômicas, um processo assaz diverso na Rússia. Esta se achava profundamente emaranhada em sua própria versão de uma sociedade tradicional, com instituições bastante arraigadas de Igreja e Estado assim como os espinhosos problemas de posse da terra, servos analfabetos, superpovoamento, falta de uma classe média comerciante emancipada, uma cultura que desde logo dava pouco valor à moderna atividade econômica produtiva. Os Estados Unidos, para empregar ainda a frase de Hartz, "nasceram livres" — com agricultores vigorosos e independentes, donos de suas terras, e uma vasta disponibilidade de homens de empresa para o mundo dos negócios, assim como um sistema social e político que se ajustou facilmente à industrialização, salvo quanto ao Sul. Assim, enquanto a Rússia teve de superar uma sociedade tradicional, os Estados Unidos tiveram

apenas de superar os atrativos para continuarem a ser um fornecedor de gêneros alimentícios e de matérias-primas — bem como, se assim se preferir, como o desencorajador de um colonialismo mais suave.

2.º — Durante todo esse tempo, o consumo individual norte-americano, em cada etapa de desenvolvimento, foi superior ao russo. Temos, como em outros casos, um grau elevado de uniformidade, no tempo, na regulação temporal da difusão da tecnologia, tendo lugar dentro de uma difusão considerável de renda e consumo *per capita*. Basicamente, este é um tópico de equilíbrio entre população e recursos, mas a tendência foi reforçada, tanto na Rússia czarista quanto na soviética, por restrições impostas pelo Estado sobre o nível de consumo das massas.

3.º — A marcha para a maturidade deu-se nos Estados Unidos após a Guerra Civil, num ambiente de relativa liberdade política — excetuando o Sul — em uma sociedade estreitamente vinculada à economia internacional, numa ocasião de paz, e, geralmente, com padrões cada vez maiores de consumo *per capita*. Na Rússia, ocorreu nas três décadas seguintes a 1928, em uma economia praticamente fechada, contra o pano de fundo de guerra e preparativos para a guerra, que não retardou a difusão da tecnologia mas limitou o aumento do consumo; e isso se deu com cerca de mais de 10 milhões de membros da força de trabalho normalmente em trabalho forçado até anos bem recentes.

4.º — A marcha soviética para a maturidade teve lugar não só com restrições ao consumo em geral mas restrições sérias em dois setores principais da economia, não completamente representados nestes índices de produção industrial: agricultura e habitação. Em habitação, a União Soviética viveu substancialmente do estoque czarista até há poucos anos, reduzindo ao mínimo os dispêndios dedicados à habitação e deixando decrescer o espaço destinado a cada família; na agricultura, investiu fortemente, porém dentro de um quadro de coletivização que manteve a produtividade patologicamente baixa, uma vez abandonada a Nova Política Econômica de Lênin em 1929. Ademais, a Rússia investiu muito pouco deveras em um sistema rodoviário moderno, que tanto tem atraído o capital norte-americano.

Destarte, a igualdade de ritmo histórico entre a industrialização soviética e a norte-americana foi alcançada por uma propor-

ção radicalmente maior de investimento soviético nas indústrias pesadas e ligadas aos metais que nos Estados Unidos, dando uma vantagem estatística de vulto à Rússia na comparação de índices de crescimento industrial. E esta diferença no padrão do investimento foi reforçada pelos dois fatores seguintes, bastante técnicos na verdade, desfrutados por quem quer que chegue atrasado: a relação entre o investimento líquido e o bruto durante a industrialização foi maior na Rússia que nos Estados Unidos, assim como o acervo de possibilidades tecnológicas ainda sem aplicação.<sup>2</sup> Ambas estas vantagens são, essencialmente, transitórias, isto é, ao atingir a Rússia a maturidade, ela tem de destinar proporções relativas maiores de seus recursos para fazer face à depreciação, e, ao ficar em dia com a tecnologia moderna em todos os seus recursos, só pode aproveitar, como os Estados Unidos e as demais economias adultas, o aumento anual de novidades tecnológicas, em vez de uma vasta reserva acumulada.

Uma vantagem aparente, porém, resta para a União Soviética na estatística da corrida desenvolvimentista, e esta convém examinarmos um pouco mais: trata-se da concentração de seu investimento na indústria pesada relacionado com o poderio militar, em contraste com a difusão norte-americana pela indústria leve e pesada, bens de consumo e serviços. É essencialmente esta diferença no padrão dos gastos acima do nível de consumo que define tecnicamente as principais diferenças entre as economias soviética e norte-americana e que apresenta, em certo sentido, a questão de saber se o ulterior desenvolvimento econômico soviético será ou não um perigo para o mundo ocidental.

Para abordarmos esta questão de maneira racional, cumpre separar claramente duas questões: a dos gastos militares e a do ritmo e padrão do crescimento econômico soviético.

#### A Questão Militar

Inicialmente, a questão militar. Nos últimos anos, a União Soviética vem destinando cerca de 20% do PNB a fins militares.

<sup>2</sup> Ver, especialmente, Norman M. Kaplan, "Capital Formation and Allocation", em A. Bergson (organizador), *Soviet Economic Growth* (Evanston e Nova York, 1953).

Os dados mais recentes sobre orçamentos soviéticos alvitram algum declínio na proporção, mas não no nível absoluto da quantidade atribuída a fins militares. Os Estados Unidos têm estado atribuindo uns 10% do PNB a fins militares. Corrigindo isso para níveis relativos de PNB e de preços relativos, é provavelmente fato que em termos reais o total do esforço militar soviético seja aproximadamente equivalente ao norte-americano. Difere bastante, contudo, na composição. A Rússia está um tanto mais adiantada em mísseis balísticos de médio e longo alcance e numa fase de produção antes que de pesquisa e desenvolvimento, o que consome, quase que certamente, uma proporção maior de seu orçamento; além disso, a Rússia tem conservado um vasto Exército. Os Estados Unidos, por outro lado, destinam maiores dotações para a Marinha e a Força Aérea.

A natureza da ameaça militar soviética está então, não na escala de seus gastos militares relativamente aos Estados Unidos, porém em saber se seus planos militares propendem a ocasionar uma das seguintes situações: primeiro, um avanço em mísseis suficientemente grande para aniquilar o poderio retaliatório do Ocidente num golpe único. Se este resultado fosse obtido, decorreria não da escala do esforço soviético, mas sim de uma previdente concentração superior de seus melhores talentos científicos em um novo sistema de armas: tal e qual a Batalha da França foi perdida em 1940 não por causa da escala do esforço alemão em relação ao da França e da Grã-Bretanha, mas porque a técnica da guerra-relâmpago se baseava em uma tática de movimento dos tanques conjugado aos bombardeiros de mergulho. O segundo perigo é que a Rússia encontre uma situação em que poderá contrapor-se efetivamente ao poderio naval e aéreo norte-americano com sua ameaça de mísseis e subjogá-lo com suas maiores forças terrestres numa guerra limitada coroada de êxito em qualquer região importante.

Há também um terceiro perigo, de caráter hibridamente diplomático e militar, qual seja o de que em um teste de vontades Moscou consiga forçar os ocidentais a uma retirada diplomática, numa determinada região, devido ao temor destes de que fincar pé ali será um risco de precipitar uma grande guerra.

Sucedê que o modo de ver do autor é que os esforços militares norte-americanos deveriam ser maiores do que o são presen-

temente, mas o perigo não está na escala relativa dos gastos militares soviéticos em face dos norte-americanos e ocidentais, nem tampouco em qualquer superioridade genérica no índice do crescimento soviético do PNB: o perigo está na composição do esforço militar soviético em relação ao de seus oponentes potenciais, e nas maneiras que os chefes soviéticos podem conceber para ele vir a dar frutos.

Este assunto geral pode-se tornar mais concreto por uma exemplificação. Após o lançamento do primeiro *sputnik* soviético, houve muita introspecção nos Estados Unidos visando a saber se o país estaria ou não produzindo um número demasiadamente diminuto de engenheiros e cientistas. Em alguns setores, a discussão revestiu-se da forma de verdadeiro "carnaval" numérico, em que se desenhavam quadros e gráficos acerca da produção de engenheiros em ambos os países, com as curvas se cruzando sinistramente. Este modo de abordar o problema simplesmente deixou de lado o que importava. O que importava é que a Rússia concentrou uma proporção bem mais elevada dos engenheiros de que dispunha e, em especial, de seus cientistas criadores de primeira classe, nos assuntos militares, e depois concentrou-os num grau muito maior no problema dos mísseis. Foi nesta distribuição, mais do que na quantidade, que a Rússia progrediu — nos mísseis, e no poderio militar em geral.<sup>3</sup> Ela criou um *status* militar de primeira grandeza partindo de uma base econômica que, em escala e produtividade, está a alguma distância atrás dos Estados Unidos, flagrantemente atrás dos Estados Unidos e da Europa ocidental combinados. Neste sentido, repetiu o que a Alemanha e o Japão fizeram na década de 1930. Não queremos, sequer por um instante, abrandar o significado ou a ameaça deste sucesso russo. Porém, este êxito especializado e deliberado não deve ser confundido com a questão dos índices de desenvolvimento e o significado destes.

<sup>3</sup> Este argumento não quer dizer, por exemplo, que o volume total de cientistas e engenheiros seja irrelevante para as possibilidades militares de uma sociedade. Por exemplo, a Rússia e os Estados Unidos, graças a seus vastos efetivos, podem explorar simultaneamente várias soluções possíveis para problemas de pontos de estrangulamento, ao passo que a Grã-Bretanha e a França, por exemplo, têm de arriscar-se numa escolha de *prima facie* dentre as soluções possíveis.

## A Questão Econômica

Isso deixa-nos com a segunda questão: o perigo — ou melhor, o significado — do atual índice superior de aumento do PNB soviético. Devemos tremer porque na Rússia o PNB avança agora pouco menos de 6%, enquanto nos Estados Unidos de após 1945 tem variado, em média, entre 3 a 4% apenas? Conquanto, está claro, o mundo ocidental perdesse poder e influência em muitos sentidos, caso sua produção continuasse a estagnar, não há razão para pânico à luz das estatísticas soviéticas globais. Por que não? Será que as curvas em breve não se cruzarão? Será que a Rússia não alcançará em breve o primado mundial em certo sentido significativo?

Primeiramente, é mister ter cautela com as projeções lineares. Diversas forças atuantes na Rússia, já evidentes em seus dados projetados para expansão, estão contribuindo para a desaceleração. O *E. C. E. Survey of Europe in 1957* (publicado em 1958) apresentou, por exemplo, os índices de crescimento projetados oficialmente dos setores da indústria russa mostrados no Quadro 7.<sup>4</sup>

QUADRO 7

ÍNDICES DE CRESCIMENTO DA INDÚSTRIA RUSSA (%)

Índice de crescimento médio anual	Carvão	Petróleo	Ferro gusa	Aço	Energia elétrica	Cimento
1955-60	8,6	13,6	10,0	8,5	13,5	19,5
1957-72	2,8	9,4	5,3	5,3	4,7	8,6

É de se duvidar pouco que os dados absolutos da produção soviética de aço, por exemplo, se aproximarão do nível dos norte-americanos. Como disse Nutter: "Cada filho em breve alcançará o pai em altura, e irmãos em idades diferentes cada vez

<sup>4</sup> Estes números a longo prazo não são acentuadamente incoerentes face às metas para 1956 apresentadas por Khrushchev ao 21.º Congresso do Partido Comunista Soviético em janeiro de 1959.

menos variarão em altura ao ficarem mais velhos." Todavia, o retardamento no índice de crescimento já está em andamento em muitos setores soviéticos, e apesar dos números absolutos das duas nações se aproximarem uns dos outros, e, com o tempo, virem a diminuir também os atrasos históricos da produtividade... que importa isso? Por que não deverá a Rússia ter um parque industrial igual ou até maior que o dos Estados Unidos, se sua população e seu equilíbrio população-recursos o permitem?

Em segundo lugar, se o Ocidente fizer face à ameaça de política militar e exterior representada pelas ambições e dilemas da Rússia — segundo linhas semelhantes às propostas no capítulo IX — então a composição da produção russa é de pouco interesse para nós.

Outrossim, essa composição por certo mudará. O atual ritmo elevado de crescimento do PNB soviético é substancialmente o produto de uma concentração peculiar de investimento em certos setores. Se o aço não mais tiver de ser utilizado para fins militares, para que será usado? Uma enorme indústria pesada, crescendo num ritmo acelerado, não é um objetivo em si mesma; tampouco ela é intrinsecamente uma vantagem internacional. Isso está aos poucos se refletindo nas distribuições de recursos soviéticos: na agricultura, por exemplo, onde a pressão para aumentar a oferta de alimentos de melhor qualidade é um importante objetivo interno; até certo ponto, na questão de moradias; até certo ponto, em outras modalidades de bens de consumo — por exemplo, televisão. Lentamente, sempre bem lentamente, o avanço insidioso das máquinas de lavar roupa, refrigeradores, motocicletas, e até automóveis já começou — e a primeira cidade-satélite russa está sendo construída.<sup>5</sup> Com o aumento dessas pressões, e o avanço da estrutura econômica soviética para perto das economias de grande consumo do Ocidente, podemos esperar que os índices de crescimento se tornem mais parecidos também. Mas o fundamental é o seguinte: não devemos ficar impressionados com casos concretos mal interpretados. Uma economia é um instrumento para fins maiores. Quando ela é dirigida para fins que nos ameaçam — como no padrão e

<sup>5</sup> Ver, sobretudo, *Economic Survey of Europe in 1957* (E. C. E., Genebra, 1958), cap. I, págs. 14 e 22.

escala soviéticos dos gastos militares — temos de responder tornando a agressão permanentemente pouco atraente. Pelo contrário, a prova de força de nossas próprias economias — e do mundo não-comunista como um todo — não está nas realizações soviéticas, mas em nossa capacidade para atender às aspirações de nossos próprios povos.

### O "Locus" do Desafio

Eis o obstáculo e o desafio. Comentando a respeito da exposição feita por Nutter nos fins de 1957, Hans Heymann, Jr., disse: "... a redução do crescimento soviético que é provável ter ocorrido não parece ser causa para júbilo nosso, particularmente quando olhada em contraste com a tendência da produção manufatureira dos Estados Unidos, que não tem absolutamente crescido nos últimos dois anos."<sup>6</sup> Se a produção norte-americana e ocidental estagnar, não seremos capazes de montar programas adequados de defesa militar ou de ajuda a regiões subdesenvolvidas, nem seremos capazes de fazer face às pressões de crescente consumo privado de capital social fixo decorrentes de nossas populações cada vez maiores. É evidente, por exemplo, que as sociedades democráticas têm de aprender a solucionar o problema da inflação por outros meios que não restrições sobre o nível de empregos e da produção. Embora os índices de desenvolvimento norte-americano e europeu ocidental não sejam, por si mesmos, a questão decisiva, é somente em face de adequados índices de aumento da produção e da produtividade que o processo democrático tende a produzir uma composição do volume da produção que não só protegerá nossas sociedades como manterá sua qualidade intrínseca.

A lição de tudo isso, pois, é que nada há de misterioso acerca da evolução da Rússia moderna. Ela é uma grande nação, bem dotada pela Natureza e pela História para criar uma economia moderna e uma sociedade moderna. No decurso de seu arranco, foi atingida por uma guerra de vastas proporções, em

<sup>6</sup> *American Economic Review*, "Papers and Proceedings", maio de 1958, pág. 424.

que o equilíbrio precário e mutável entre elementos políticos tradicionais e democráticos sucumbiu ante a derrota e a desordem; uma forma particular de organização social moderna assumiu o controle de uma situação revolucionária que não fora criada por ela. Seus imperativos internos e ambições externas geraram uma versão da experiência comum de desenvolvimento, anormalmente centralizada na indústria pesada e no potencial militar. Sua liderança política está agora tentando explorar as margens dos recursos desvendados pelo seu amadurecimento, a fim de visar a uma expansão radical do poderio soviético no cenário mundial, abafando o ritmo de expansão do consumo. Mas nem em escala nem em repartição, nem tampouco em ímpeto, as providências russas de fato constituem uma ameaça que ultrapasse os recursos norte-americanos e ocidentais para enfrentá-la. Olhando bem para o porvir, não há, igualmente, razões para crer que a experiência russa venha a transcender limites conhecidos.

O problema apresentado pela Rússia contemporânea não está na originalidade da história de sua modernização, mas em saber se os Estados Unidos e o Ocidente poderão mobilizar seus amplos recursos para executar as tarefas que devem ser feitas — recursos de ânimo, inteligência, vontade e discernimento, tanto quanto aço e aparelhos elétricos. Tratam-se de tarefas que não se estendem apenas a arsenais de mísseis e ao prosseguimento da difusão do bem-estar interno, mas também aos segundo e terceiro Planos Quinquenais da Índia e aos longínquos rincões da Ásia, do Oriente Médio, da África e da América Latina.

O problema não se acha no misterioso Oriente, porém no indecifrável Ocidente.